



## **Narrativas do medo nas redes sociais: um estudo sobre a morte de Osama bin Laden e sua repercussão no Orkut<sup>1</sup>**

Carlos Henrique Scherrer de OLIVEIRA<sup>2</sup>

Renata REZENDE<sup>3</sup>

Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, ES

### **RESUMO**

Esta análise discorre sobre os usos das fontes de informação da narrativa jornalística nas redes sociais da Internet, principalmente nas reportagens com enfoque em criminalidade, terrorismo e violência. Abordamos os critérios de noticiabilidade e investigamos como as notícias de violência tomam proporções outras nas redes sociais, na medida da “costura narrativa” dos fatos jornalisticamente interpretados somados aos comentários e discussões nos fóruns das comunidades. O objetivo é mostrar como as notícias de violência contribuem para a propagação de uma cultura do medo nas redes sociais. Para isso, tomamos como recorte a morte de Osama bin Laden e sua repercussão no Orkut.

**PALAVRAS-CHAVE:** Cultura do medo; insegurança; narrativa jornalística; redes sociais; terrorismo.

### **INTRODUÇÃO**

Seja em casa, na rua ou no local de trabalho ou estudo, vivemos em um ambiente de mídia, e a maior parte de nossos estímulos simbólicos vem dos meios de comunicação, presentes em quase todos os lugares. Castells (2008) afirma que "a mídia é a expressão de nossa cultura, e nossa cultura funciona principalmente por intermédio dos materiais propiciados pela própria mídia" (p. 422), que tende a afetar o consciente e o comportamento das pessoas.

Na sociedade contemporânea, podemos afirmar que as notícias são um importante instrumento de informação, apesar da carga ideológica dos meios de comunicação pelas quais são veiculadas. É através delas que as pessoas se informam e

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no DT 1 - Jornalismo do XVII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste realizado de 28 a 30 de junho de 2012.

<sup>2</sup> Estudante de graduação 8º. semestre do Curso de Comunicação Social - Jornalismo da UFES. Pesquisador/bolsista do Programa de Iniciação Científica da mesma universidade, com o projeto “As notícias de violência e a construção da cultura do medo nas redes sociais”, vinculado à pesquisa “Narrar a si e narrar o outro: a morte, a constituição da memória e os usos narrativos das redes sociais nas mídias tradicionais”, da professora Renata Rezende. E-mail: carloshenriqueso@hotmail.com

<sup>3</sup> Orientadora do trabalho. Professora adjunta do curso de Comunicação Social da Universidade Federal Fluminense (UFF). Até março de 2012 atuou como professora adjunta do Curso de Comunicação da Universidade Federal do Espírito Santo, onde ainda colabora com orientações de projetos de Iniciação Científica e Trabalhos de Conclusão de Curso. Doutora pelo programa de pós-graduação em Comunicação da Universidade Federal Fluminense (UFF). Tem mestrado na linha de Novas Tecnologias da Informação, pela mesma universidade. É coordenadora do projeto de pesquisa “Narrar a si e narrar o outro: a morte, a constituição da memória e os usos narrativos das redes sociais nas mídias tradicionais”. E-mail: renatarezender@yahoo.com.br



ficam sabendo do que acontece no mundo e também em sua localidade. Há uma curiosidade intrínseca ao ser humano de querer conhecer o desconhecido; um temor daquilo que ele não conhece e por isso a vontade de querer se informar, descobrir. Sendo assim, essa descoberta é possibilitada, por exemplo, através dos relatos jornalísticos. Pena (2008) defende que o medo do desconhecido está diretamente relacionado à natureza do jornalismo. Para o autor, é natural ao ser humano a vontade de ser onipresente, mas, já que isso não acontece, o homem supre esse desejo através de informações produzidas pelo outro.

Nesse contexto, as notícias se apresentam como instrumentos de narração de fatos, como um artefato de memória. Para Letícia Matheus (2011), a mídia assume um importante papel nos processos de memória da sociedade. Em sua análise sobre duas coberturas policiais realizadas pelo jornal O Globo em 2003, a autora afirma que "o periódico funciona como memória emprestada do que não vimos, mas que passamos a incorporar" (2011, p. 90).

Por essa autoridade enquanto construtora da memória, a mídia consegue colocar um assunto em pauta na sociedade, o que no campo jornalístico é conhecido como Teoria do Agendamento. Como aborda Nelson Traquina em seu livro Teorias do Jornalismo (2008), o conceito de agendamento foi introduzido por McCombs e Shaw em 1972. Os estudiosos defendiam que a mídia diz às pessoas no que pensar. Posteriormente, ao rever e desenvolver o assunto, chegam à conclusão de que o agendamento vai muito além disso - ele mostra às pessoas não só no que pensar, mas como pensar e, conseqüentemente, o que pensar (MCCOMBS e SHAW *apud* TRAQUINA, 2008, P. 15-6).

Apesar de ser um conceito lançado em 1972, cinquenta anos antes Walter Lippman já havia pensado, em seu livro *Public Opinion*, numa relação entre a agenda midiática e a agenda pública. O autor mostra que a mídia é "a principal ligação entre os acontecimentos do mundo e as imagens desses acontecimentos em nossa mente" (PENA, 2008, p.142), o que evidencia, mais uma vez, a capacidade da mídia funcionar enquanto um instrumento de memória. "A influência da mídia é admitida na medida em que ajuda a estruturar a imagem da realidade social, a longo prazo, a organizar novos elementos dessa mesma imagem, a formar opiniões e crenças novas" (WOLF *apud* PENA, 2008, p. 145).

Podemos perceber que, na medida de seu poder de narração, a mídia tem um importante papel nos processos de memória.



Le Goff (1997a) afirma que a memória funciona como um sistema dinâmico de organização da realidade. Nesse sistema, a narrativa, ou o comportamento narrativo, tem papel fundamental, sendo ato mnemônico por excelência. Assim, é possível compreender a importância que a mídia (e os jornais diários de maneira particular) assume nos processos de memória. Não é artifício qualquer de memória. Trata-se de lugar privilegiado de memória, devido ao seu poder de narratividade. Se o narrador é homem-memória, o jornalismo é uma instituição privilegiada de memória e os jornalistas são seus senhores (LE GOFF *apud* MATHEUS, 2011, p. 93).

Letícia Matheus também demonstra essa relação com a memória e as informações a partir do escritor italiano Ítalo Calvino, que utiliza como exemplo múltiplas cidades habitadas principalmente por aqueles que narram ou que delas ouvem contar, ou seja, para o autor, as cidades são, antes de tudo, as histórias contadas sobre elas, existindo como narrativas que circulam. Calvino destaca que as cidades são compreendidas e construídas segundo as teias de relações e significações que nelas se dão, incluindo os trabalhos de imaginação (MATHEUS, 2011, pp. 23-4).

Traquina ainda coloca que as notícias não falam simplesmente sobre a vida, mas sim sobre peculiaridades dela, momentos "em que o feitiço da realidade é quebrado pela queda de uma ponte, pela erupção de um vulcão, ou pela morte de um herói" (TRAQUINA, 2008, pp. 96). Portanto, percebe-se a importância das notícias enquanto fontes de informação e narrativas formadoras de memória.

## **CRITÉRIOS DE NOTICIABILIDADE**

Mas quais são os fatores que definem se um acontecimento deve ou não ser noticiado? Traquina relaciona vários critérios e os divide em três grupos: os critérios substantivos, os contextuais e os de construção (TRAQUINA, 2008, pp. 79-93). No primeiro grupo, o autor enquadra valores notícia que estão relacionados às características do próprio acontecimento, como a morte, a notoriedade, a proximidade (geográfica e cultural), a relevância (o impacto que o evento tem sobre a vida da pessoa), a novidade, o tempo, a notabilidade, o inesperado, o conflito ou a controvérsia (no sentido de violência física ou simbólica), a infração (transgressão das regras; crimes) e o escândalo.

Já os critérios contextuais, para Traquina, são aqueles que dizem respeito ao contexto do processo de produção das notícias. Dentro desse grupo o autor coloca valores como a disponibilidade, ou a facilidade com que é possível fazer a cobertura do



fato; o equilíbrio, ou seja, a quantidade de notícias sobre o assunto que já existe ou que existiu há pouco tempo no produto da empresa jornalística; a visualidade, isto é, se há elementos visuais, como fotografias ou filmes; a concorrência ou a busca pelo "furo" jornalístico; e, por fim, o dia noticioso, ou seja, a capacidade que o dia tem de ser pobre ou rico em acontecimentos.

Traquina ainda considera um terceiro grupo de valores-notícia: os de construção, que são critérios dignos de serem incluídos na elaboração da notícia, dentre eles a simplificação, a amplificação, a relevância, a personificação (valorização das pessoas envolvidas no acontecimento), a dramatização (reforço do lado emocional) e a consonância (inserção de uma novidade num contexto já conhecido).

Felipe Pena (2008) adota o modelo de valores-notícia elaborado por Mauro Wolf. Apesar de ser bem parecido com o modelo de Traquina e utilizar outras nomenclaturas para se referir aos mesmos fatores, Wolf divide os critérios de noticiabilidade em cinco grupos. Primeiramente, nas categorias substantivas, o autor coloca a importância dos envolvidos, a quantidade de pessoas envolvidas, o interesse nacional, o interesse humano e os feitos excepcionais. Num segundo grupo, denominado Categorias relativas ao produto, estão os fatores brevidade, atualidade, novidade, organização interna da empresa, qualidade (ritmo, ação) e equilíbrio (diversificação de assuntos).

Outro grupo citado por Pena é o das categorias relativas ao meio de informação: acessibilidade à fonte/local; formatação prévia/manuais e política editorial. O quarto grupo elaborado por Wolf diz respeito às categorias relativas ao público, ou seja, a identificação com os personagens, o serviço/interesse público e a protetividade. Por fim, o autor descreve as categorias relativas à concorrência: a exclusividade ou o furo; gerar expectativas e os modelos referenciais (PENA, 2008, p.72).

Um dos fatores que tem a capacidade de definir as notícias, e, por consequência, o jornalismo, é o tempo. Para Nelson Traquina (2008), o tempo condiciona todo o processo de produção das notícias, porque o jornalismo é marcado por horas de fechamento, ou, no jargão profissional, *dead line*. "Enquanto o valor da objetividade provoca polêmicas, o valor do imediatismo é incontestável, principalmente em tempos de *cibermedia*" (TRAQUINA, 2008, p. 37). Há uma espécie de fetichismo por parte dos jornalistas com o tempo, buscando sempre noticiar os acontecimentos o mais rápido possível depois de ocorrerem. Situação marcante que exemplifica essa questão foram as imagens ao vivo do ataque terrorista ao World Trade Center, nos Estados Unidos, em 11



de setembro de 2001<sup>4</sup>. Este exemplo é tratado não só por Traquina (2008), mas também por Felipe Pena (2008).

O autor afirma que o ataque às torres gêmeas foi o fato jornalístico que inaugurou, de forma triste mas bem definida, o século XXI. Para Pena, todo o ataque foi meticulosamente programado "para que o segundo avião atingisse o alvo em um espaço de tempo suficiente para as câmeras de TV transmitirem ao vivo" (PENA, 2008, p. 10) e, assim, todo o mundo fosse testemunha desse acontecimento. Traquina aborda esse mesmo exemplo em seu livro ao tratar sobre critérios de noticiabilidade.

Tinha rebentado um "mega-acontecimento"; um inesperado, um insólito, um violento ataque que iria destruir os edifícios e provocar a morte de mais de três mil pessoas. Nem tudo que figura no mundo jornalístico é ruptura, mas este "mega-acontecimento" reúne diversos valores-notícia da cultura jornalística - o violento, o inesperado, o insólito, e um número significativo de vítimas - para conquistar um lugar privilegiado na agenda jornalística. (...) Na "Novaslândia" podemos dizer que os maus acontecimentos são ótimas notícias (TRAQUINA, 2008, pp. 95-6).

Levando em consideração a afirmação de Traquina, de que maus acontecimentos são bons para serem relatados, ou seja, "boas notícias", podemos perceber um dos motivos pelos quais a violência e a morte são assuntos tão recorrentes nas notícias. O próprio Traquina considera a morte um dos critérios de noticiabilidade de um fato (TRAQUINA, 2008, p. 79).

Letícia Matheus (2011) afirma que o leitor interpreta a realidade através das sensações, e por isso o detalhamento de um fato é um dos recursos de verossimilhança da narrativa sensacional (MATHEUS, 2011, p. 78). Afinal, mais do que interpretar, as pessoas se identificam com aquela situação.

Envolvendo crimes, desastres, roubos, incêndios, enfim, as tragédias diárias, constroem-se textos que se referem a lugares existentes e personagens perfeitamente identificáveis. A sociedade parece de tal forma contida nessas

---

<sup>4</sup> Os atentados de 11 de Setembro de 2001 foram uma série de ataques coordenados pela organização terrorista Al-Qaeda aos Estados Unidos. Segundo as apurações do caso, na manhã daquele dia, 19 membros da Al-Qaeda sequestraram quatro aviões comerciais a jato de passageiros. Os sequestradores intencionalmente bateram dois dos aviões contra as duas torres do World Trade Center, em Nova Iorque, consideradas na época as mais altas do mundo e símbolo do império capitalista. Ambos os prédios desmoronaram em duas horas, destruindo construções vizinhas e causando outros danos. O terceiro avião de passageiros caiu contra o Pentágono, edifício das forças armadas americanas, situado nos arredores de Washington, D.C. O quarto avião caiu em um campo próximo de Shanksville, na Pensilvânia, depois que alguns de seus passageiros e tripulantes tentaram retomar o controle do avião. Não houve sobreviventes em qualquer um dos voos. O total de mortos nos ataques foi de 2.996 pessoas, incluindo os 19 sequestradores e pessoas que trabalhavam nos edifícios (Portal G1. **11 de Setembro**. Disponível em: < [g1.globo.com/11-de-setembro](http://g1.globo.com/11-de-setembro) >. Acesso em 24 abr 2012).



narrativas que o leitor tem a impressão de ser partícipe daquela realidade (MATHEUS, 2011, pág. 32).

Não apenas leitores, mas todo consumidor de notícias por meio de toda e qualquer mídia irá interpretar a realidade através do que for explorado de sensação e também poderá se identificar como participante do fato.

## **MÍDIA E MEDO**

O público está exposto diariamente a uma série de notícias e informações que trazem como assunto principal a violência e a morte. Para Glassner (2003), os telejornais sobrevivem com base em manchetes alarmistas. Nos noticiários locais, histórias sobre drogas, crimes e desastres constituem a maioria das notícias levadas ao ar. De acordo com o sociólogo americano, as notícias de violência nas mídias tradicionais têm o poder de disseminação da insegurança e do medo na vida das pessoas. Ele afirma que muitas vezes os produtores de reportagens deixam que os relatos emotivos passem por cima da informação objetiva. Assim, a mídia bombardeia o público com histórias sensacionalistas para aumentar os índices de audiência.

Glassner ainda aborda duas pesquisas para exemplificar que a mídia influencia as pessoas de tal forma que sustenta a sensação de medo e insegurança. Na primeira, feita com mulheres nova-iorquinas em 1996, as entrevistadas identificavam os meios noticiosos tanto como fonte dos seus medos como a razão pela qual acreditavam que esses medos eram válidos. Ao serem perguntadas sobre o medo delas com relação ao crime, com frequência muitas respondiam com a frase "Vi isso no noticiário". Já na segunda pesquisa, feita nacionalmente também em 1996, questionadas sobre por que acreditavam que os Estados Unidos apresentavam um sério problema em relação ao crime, cerca de 76% das pessoas citaram matérias vistas na mídia (GLASSNER, 2003, p. 31).

As narrativas jornalísticas se alimentam do cotidiano violento, configurando muitas vezes o pânico (MATHEUS, 2011, p. 30). George Gerbner, pesquisador americano, ressalta, em sua obra, que pessoas que passam muito tempo assistindo televisão, por exemplo, têm maior tendência a ter uma visão distorcida da realidade. No caso específico da violência, ao assistir os telejornais, essas pessoas podem acreditar que os índices de criminalidade estão aumentando e superestimar o medo de serem



vítimas de crimes violentos (GERBNER, 1994). Para Magalhães (2009), a mídia tem tratado a violência predominantemente como espetáculo, exacerbando a dramatização e, com isso, contribuído para reforçar uma visão no singular sobre a violência. Nessa mesma linha de raciocínio, Souza (2008), escreve que "a TV, por meio de seus telejornais, acentua o medo, porque dá ênfase à retratação da morte violenta, resultado de catástrofes, assassinatos, acidentes, guerras" (SOUZA, 2008, p. 18-9). No cotidiano das grandes cidades a questão da segurança e do crime ganham destaque, como explica Leal (2004, p. 8); as mídias enfatizam notícias sobre a violência aleatória, sobre áreas onde a probabilidade de vitimização é maior e sobre aconselhamentos de como se comportar diante de situações de perigo (assaltos, roubos, seqüestros relâmpagos, etc.).

Sérgio Adorno (1995), em seu artigo *Violência, ficção e realidade*, demonstra que a "mídia faz uma leitura parcial dos chamados índices de violência, de forma a apresentá-los sempre como em expansão". No entanto, continua o pesquisador, "se fôssemos comparar os índices de criminalidade com os índices de crescimento populacional, ao invés de crescimento da violência, teríamos até mesmo uma taxa negativa" (ADORNO, 1995, p. 186-187), ou seja, as pessoas na verdade não teriam por que se preocupar. Apesar disso, continua existindo na população uma percepção de aumento da criminalidade e, em especial, da criminalidade violenta, advinda principalmente dos meios de comunicação e da grande circulação de notícias de violência, morte e tragédias (idem, p. 183).

Matheus (2011) segue a mesma linha de raciocínio ao afirmar que

o fluxo do sensacional pode parecer proliferar o pânico, como uma espécie de contaminação espacial e temporal do caos e da desordem. O compartilhamento dessa memória do medo por meio do jornal fornece, em primeiro lugar, a certeza de que se vive aquela situação, como se a memória de um sujeito confirmasse a memória do outro pelo fato de estarem experimentando as mesmas narrativas e compartilhando a mesma temporalidade através dessa memória artificial (Halbwachs, 1990). Assim, o fluxo do sensacional parece fazer proliferar o medo, como uma espécie de disseminação espacial e temporal da percepção de fragilidade. Antes de se espalhar pela cidade, a violência se espalha no imaginário (MATHEUS, 2011, p. 92).

Numa notícia de um assassinato, por exemplo, a autora coloca que o medo estaria objetivado em pelo menos três elementos: na fragilidade da cidade, na morte imprevisível e no outro (idem, p. 12). Apesar disso, em sua análise, Letícia Matheus afirma que, na verdade, não é só a morte em si que transporta o medo à consciência e às memórias formatadoras da cidade, mas sim a morte narrada. "A experimentação da



violência não estava apenas em vivenciar o tiroteio, mas também em dele ouvir falar. O medo se experimenta pelos ouvidos" (MATHEUS, 2011, p. 51).

## **CULTURA DO MEDO**

O excesso de repercussão de casos de violência e morte acaba, muitas vezes, por gerar a sensação de medo nos sujeitos. Esse fenômeno, que denominamos, assim como alguns autores, cultura do medo, é gerado e mantido não apenas pela mídia, mas também por todo um sistema em funcionamento, onde políticos e empresas tendem a lucrar com a produção da sensação de insegurança. Bauman (2008) defende que

a economia de consumo depende da produção de consumidores, e os consumidores que precisam ser produzidos para os produtos destinados a enfrentar o medo são temerosos e amedrontados, esperançosos de que os perigos que temem sejam forçados a recuar graças a eles mesmos (com ajuda remunerada, obviamente) (BAUMAN, 2008, p. 15).

Assim como Bauman, Glassner (2003, p. 40) reforça: “Muito poder e dinheiro estão à espera daqueles que penetram em nossas inseguranças emocionais e nos fornecem substitutos simbólicos”. As propagandas veiculadas nos jornais, por exemplo, oferecem uma intensa lista de produtos que propõem deixar as pessoas a salvo do perigo. Publicidades de alarmes para carro e rastreadores avizinham anúncios de empresas de vigilância e seguradoras nas páginas dos grandes veículos de comunicação.

Para Leal (2004), a percepção da ameaça, e das suas conseqüências como algo real desdobra-se em "necessidade de segurança e ações preventivas que limitam a liberdade individual e, em muitos casos, resultam mais danosas do que a própria ameaça em potencial" (LEAL, 2004, p. 6). Essa cultura do medo pode configurar, inclusive, a paisagem das cidades contemporâneas. Morar em condomínios fechados, em prédios considerados “com segurança” ou em casas com altas grades são ideais de moradia que predominam na estética local e nos jogos de prestígio social. "Se a cidade pode ser tratada como um texto, ela dialoga permanentemente com os medos de seus habitantes, o que influencia sua configuração espacial, bem como as relações sociais travadas no ambiente urbano" (MATHEUS, 2011, p. 24).

Em seu artigo intitulado "Narrativas da violência" (2005), Ricardo Freitas defende que até mesmo as profissões são influenciadas pelo medo propagado hoje na sociedade, exigindo de profissionais da saúde, do direito e de outras importantes áreas



novas especializações para poderem lidar com os desafios do cotidiano urbano. O medo é uma sensação inerente à natureza humana. Em seu estudo sobre a história do medo no ocidente entre os séculos XIV e XVIII, Delumeau (2009) escreve que

o historiador, em todo caso, não precisa procurar muito para identificar a presença do medo nos comportamentos de grupos. Dos povos ditos “primitivos” às sociedades contemporâneas, encontra-o quase a cada passo – e nos setores mais diversos da existência cotidiana (2009, pp. 26-7).

Segundo Bauman (2008), medo é o nome que damos à incerteza diante de alguma ameaça e do que deve ser feito para enfrentá-la ou cessá-la. O sociólogo também afirma que todos os medos têm origem e significado no medo primal da morte. “Da ameaça de morte não há agora um só momento de descanso. A luta contra a morte começa no nascimento e continua presente pela vida afora” (2008, p. 59).

Portanto, para Bauman, não só a luta contra morte, mas a luta contra os medos se tornou uma tarefa para a vida inteira. O sociólogo defende que a vida na chamada sociedade líquido-moderna é uma longa luta, provavelmente impossível de vencer, contra o impacto potencialmente incapacitante dos medos e contra os perigos, genuínos ou supostos, que tornam as pessoas temerosas. Além disso, a vida também pode ser percebida melhor como “uma busca contínua e uma perpétua checagem de estratégias e expedientes que nos permitem afastar, mesmo que temporariamente, a iminência dos perigos” (BAUMAN, 2008, p. 15).

Nesse contexto, a sensação do medo pertence ao cotidiano sendo, inclusive, pulverizada muitas vezes pelos meios de comunicação de massa. Além disso, como o medo atrela-se às notícias de violência, hoje isso se espalha para as redes sociais, contribuindo para a ampliação de uma sociedade do medo. Assim, nossa análise relaciona a circularidade da sensação de medo nas redes sociais.

## **A MORTE DE OSAMA BIN LADEN NAS REDES SOCIAIS**

Nesse recorte específico, analisamos o episódio no qual o terrorista Osama bin Laden, mentor dos ataques do 11 de Setembro, foi dado como morto pelo exército americano, fato divulgado em todo o mundo pela mídia no dia 1º de Maio de 2011. Segundo a imprensa americana, após quase dez anos do ataque às Torres Gêmeas, uma



equipe de seu exército descobriu onde o terrorista estava e invadiu o local numa missão cujo objetivo era capturar e matar Osama bin Laden.

Toda a missão de invasão do local onde o terrorista estava foi divulgado pelos meios de comunicação americanos. Segundo o governo dos Estados Unidos, o corpo de Osama bin Laden foi jogado no mar. Porém, essa informação suscitou dúvidas quanto à veracidade da morte do terrorista. Esperava-se uma série de fotos ou vídeos de bin Laden sendo morto ou jogado ao mar, mas as únicas fotos e vídeos que circularam na internet foram de tentativas de *spam* e *phishing*<sup>5</sup>.

Através de uma pesquisa feita no Orkut<sup>6</sup> selecionamos quatro comunidades<sup>7</sup> sobre o episódio, de acordo com a descrição que os usuários criadores fazem das próprias comunidades. Foram desconsideradas, para isso, comunidades com teor humorístico, cujas descrições, por exemplo, se referiam a Osama bin Laden como "campeão mundial de pique-esconde". Assim, houve o intuito de analisar os tópicos<sup>8</sup> e verificar como os usuários demonstram seus medos e os expressam, como escrevem sobre eles. Para a escolha das comunidades, foi feita uma busca, colocando no campo "pesquisar"<sup>9</sup> a expressão "Osama bin Laden".

As comunidades analisadas foram escolhidas por acolher o maior número de usuários: "LUTO - Osama bin Laden"<sup>10</sup>, com 3838 usuários e 29 tópicos; "[LUTO] Osama Bin Laden"<sup>11</sup>, com 3475 membros e 26 tópicos; "Osama Bin Laden não MORREU!"<sup>12</sup>, com 1797 usuários e quatro tópicos; e "Osama bin Laden foi morto !"<sup>13</sup>, com 1586 membros e três tópicos.

---

<sup>5</sup> *Spam*, de acordo com a nomenclatura da informática, é todo tipo mensagem que é enviada em larga escala como promoções reais de uma empresa ou avisos do serviço de e-mail. No entanto, a maneira que *hackers* e pessoas do gênero passaram a utilizar estes e-mails, tentando roubar e fraudar os computadores de pessoas comuns tornou a palavra *spam* um sinônimo de algo nocivo para quem faz uso da Internet. Uma das diversas formas de *spam* utilizada pelos *hackers* é o *phishing*, palavra que faz referência ao verbo em inglês (*fish*, pescar) pelo fato dos *hackers* tentarem pescar informações importantes dos usuários, armando uma rede mentirosa para atrair os mais incautos neste sentido. Visa conseguir informações essenciais dos internautas, como dados pessoais, bancários e diversas outras informações que possibilitem algum tipo de fraude, podendo fazer uso de vírus e programas semelhantes para este fim. (Portal Tecmundo. **Spam, phishing e outras fraudes? Aprenda a se livrar destes perigos!** Disponível em: <<http://www.tecmundo.com.br/1174-spam-phishing-e-outras-fraudes-aprenda-a-se-livrar-destes-perigos-.htm>>.

Acesso em: 24 de abril de 2012.

<sup>6</sup> O Orkut é uma comunidade virtual criada em 2004. Essa comunidade também pode ser chamada de rede social. Disponível em [www.orkut.com](http://www.orkut.com). Acesso em: 24 de abril de 2012.

<sup>7</sup> O termo Comunidade é utilizado aqui como os grupos da própria rede social que funcionam como fóruns, com tópicos (nova pasta de assunto) e mensagens (que ficam dentro da pasta de assunto).

<sup>8</sup> O termo Tópico é utilizado aqui no sentido de nova pasta de assuntos e discussões, que podem ser criados pelos próprios membros das comunidades para iniciar um novo assunto ou discussão ligados ou não ao tema da comunidade.

<sup>9</sup> Disponível em: <http://www.orkut.com.br/Main#UniversalSearch>. Acesso em 24 de abril de 2012.

<sup>10</sup> Disponível em: <http://www.orkut.com.br/Main#Community?cmm=113936390>. Acesso em 24 de abril de 2012.

<sup>11</sup> Disponível em: <http://www.orkut.com.br/Main#Community?cmm=113938305>. Acesso em 24 de abril de 2012.

<sup>12</sup> Disponível em: <http://www.orkut.com.br/Main#Community?cmm=114019445>. Acesso em 24 de abril de 2012.

<sup>13</sup> Disponível em: <http://www.orkut.com.br/Main#Community?cmm=113997601>. Acesso em 24 de abril de 2012.

Primeiramente, nota-se uma grande quantidade de tópicos e comentários de usuários que duvidam da veracidade da morte do terrorista. Na própria comunidade "Osama bin Laden não MORREU!", o usuário criador, ". Eminem Moderation", abre um tópico (Figura 1) e coloca argumentos para tentar convencer os usuários de que tanto a morte de Osama quanto o próprio atentado de 11 de Setembro de 2001 foi uma farsa pensada pelos Estados Unidos.

Você acha mesmo que Bin laden morreu? - 166 respostas. [Denunciar spam](#)

[Responder](#) primeira < anterior 1 de 17 próxima > última

 . Eminem Moderation - 03/05/2011

Você acha mesmo que Bin laden morreu ?

Conversa no msn:

Amigo: eu sou dakeles q não acredita no 11 de Setembro por inúmeros motivos rs vc jah viu o avião q atingiu o pentágono, até hj, por ex? rs

Eu: na verdade não . mais como morreriam um monte de gente ? do nada ? as torres gemas deu pra veer os avião

Amigo: eu não tow dizend q não aconteceu o 11 de Setembro óbvio q akelas torres cairam etc apenas pra MIM não foi nenhum terrorista, nem nada e sim o próprio EUA

Eu: mais não faz sentido cara :S

Amigo: não faz? rs vamos lá...vc é o maior país do mundo ganancioso e sabendo q a sua economia não tava indo tão bem e q a maior fonte de riqueza (petróleo) irá se akbar em breve sabe q vários países da áfrica/ásia tem petróleo de sobra e são tudo pobres, sem moral, sem conceito algum e vc, o maior país do mundo, sabe q as suas reservas vão akbar em breve então ,o q vc faz? inventa q tem um terrorista q eh mto amigo de seu país (Bin Laden) atacou as suas torres gêmeas e aí vc ganha um motivo pra poder invadir um país cheio de petróleo e pegar a qtd de petróleo q bem lhe entender aih vc me diz: pq tu axa isso?

vamos lá... o sistema de defesa aéreo norte-americano, mais conhecido como NORAD é o mais seguro do tempo o motivo, segundos eles, pra ter acontecido os ataques foi q houve uma falha no sistema de defesa aéreo tudo bem, jah eh difícil aceitar que o MELHOR do mundo, o mais FODA de todos tenho uma falha GROTESCA tudo bem... mas aih de repente, vc percebe q um dos aviões está indo em direção a cidade e vc não nota NADA de estranho, vc simplesmente axa q he um TREINAMENTO (nenhum avião faz treinamento ao menos 'PERTO' de uma zona civil, quanto mais de uma CIDADE como NY) aih voltei enfim, aih tudo bem, dps de TODA essa bazarice q eh difícil pra QUALQUER pessoa acreditar vc descobre q as Torres Gêmeas, palavras ditas pelo PRÓPRIO ARQUITETO q as projetou fala q elas aguentariam o impacto de um avião dps escuta pessoas falando q segundos antes do avião xegar, ouviram explosões NO PRÓPRIO WTC.

[Gostou?](#) [Citar](#)

 . Eminem Moderation - 03/05/2011

2ªPARTE

aih blz, ainda sim, tem o Pentágono pq os EUA pegaram toda e qualquer câmera de segurança q filmou o suposto avião q atingiu o Pentágono? isso nunca saberemos e mto menos o q atingiu o Pentágon ologo em seguida, vc quer q eu acredite que o maior país do mundo, onde tem a MELHOR POLÍCIA SECRETA DO MUNDO, tem agentes FODAS, demorou exatos DEZ anos pra encontrar um kra? e tu quer msm q eu acredite q foi um terrorista mané q fez isso? rs

Agora eu lhe pergunto .. Sera que Bin laden realmente esta morto ?

[Gostou?](#) [Citar](#)

FIGURA 1: Tópico "Você acha mesmo que Bin Laden morreu?", da comunidade "Osama bin Laden não MORREU!"

O tópico segue principalmente com respostas de usuários que concordam com a hipótese colocada pelo criador da comunidade. Dentre as várias possibilidades pensadas por eles, está o argumento de que bin Laden ainda está vivo ou de que ele já estava morto antes da invasão do prédio no Iraque. Tal assunto não é abordado apenas nesta comunidade, mas pode ser encontrado nas outras três analisadas, em diversos tópicos e comentários.

Observamos também a importância da divulgação de imagens para a legitimação da ocorrência de um fato. Mais do que notícias, os usuários mostram-se ansiosos por imagens, seja da invasão do prédio, do terrorista morto ou mesmo do momento em que

o corpo foi jogado ao mar, expressando uma espécie de “ver para crer”, característica de uma sociedade cada vez mais ávida por imagens. Como citamos anteriormente, a mídia americana não divulgou nenhuma imagem, seja foto ou vídeo, de algum desses momentos, o que suscitou dúvida por parte de muitos. Neste caso, por exemplo, não bastou a declaração oficial do presidente dos Estados Unidos, Barack Obama, na noite de 1º de maio de 2011. Muitos usuários não acreditaram, e ainda não acreditam, na morte de Osama pelo fato de não serem divulgados fotos ou vídeos do terrorista morto ou sendo jogado ao mar. É o caso dos comentários apresentados nas figuras 2, 3, 4 e 5:

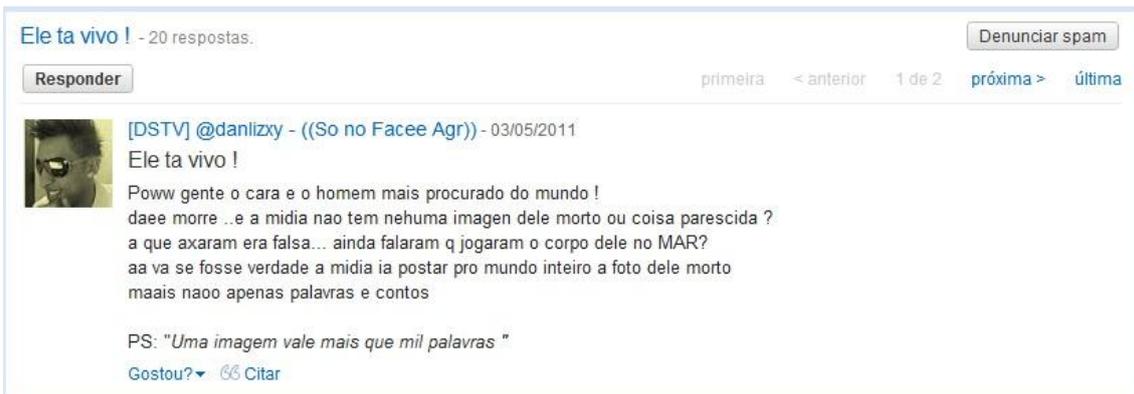


FIGURA 2: Em destaque, um comentário do tópico "Ele ta vivo !" (*sic*), da comunidade " LUTO - Osama bin Laden"



FIGURA 3: Em destaque, um comentário do tópico "Você acha mesmo que Bin Laden morreu?", da comunidade "Osama Bin Laden não MORREU!"

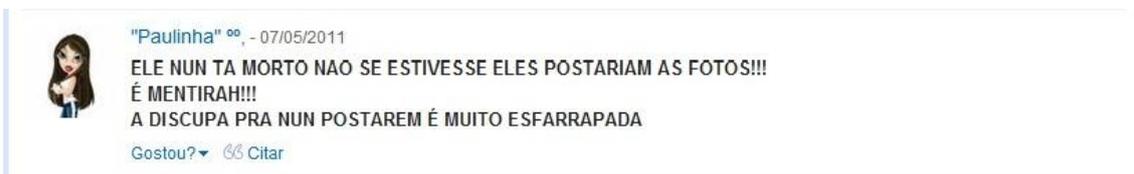


FIGURA 4: Em destaque, um comentário do tópico "Osama Morto?" (*sic*), da comunidade " [LUTO] Osama Bin Laden"

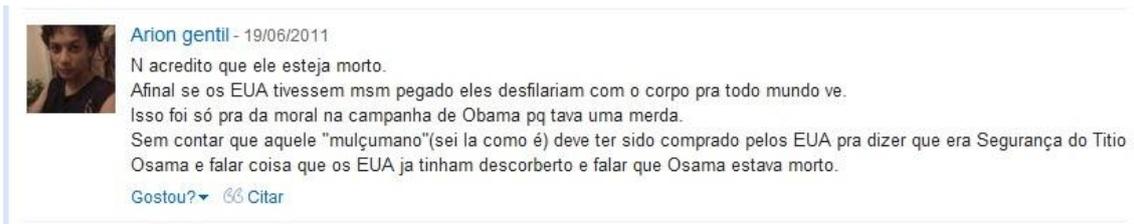


FIGURA 5: Em destaque, um comentário do tópico "Osama Morto?" (*sic*), da comunidade " [LUTO] Osama Bin Laden"

Além de não acreditarem na morte de Osama bin Laden, muitos usuários tentam convencer os leitores e/ou outros participantes da comunidade de que ela não aconteceu, de que tudo foi armação dos Estados Unidos, ou até mesmo de que não foi Osama quem planejou o atentado às Torres Gêmeas. Em muitos comentários há uma espécie de “teoria da conspiração” que atribui aos *Illuminati*<sup>14</sup> a autoria dos ataques, inclusive defendendo que o próprio terrorista nunca existiu.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Por todo o contexto analisado, no caso específico do fato recortado em nossa pesquisa, a morte de Osama bin Laden, precisamos destacar algumas perspectivas que apresentam-se de maneira singular, na medida que o próprio discurso acerca de Osama bin Laden ancora-se no ponto de vista norte-americano, divulgado amplamente pela mídia. Osama bin Laden é tomado como um vilão e principal inimigo dos Estados Unidos. Tal visão ganha tamanha proporção nos meios de comunicação a ponto de bin Laden ser considerado não apenas inimigo dos Estados Unidos, mas também de todos os países do Ocidente. Assim, as pessoas têm medo de Osama porque a imagem e o discurso narrativo que circula sobre ele sempre esteve associado aos atos de terrorismo.

Percebe-se, portanto, que há uma contradição em relação à ideia de morte e violência, resultado da criação do próprio personagem de Osama bin Laden na mídia. O que deveria ser medo da morte e da violência torna as mesmas banalidades, pois as pessoas passam a temer o contrário, ou seja, o medo persiste porque as pessoas acham que Osama bin Laden não morreu.

Os indícios, nesse sentido, apontam para um medo introjetado no discurso contrário à ideia da crença na morte, ou seja, a morte aqui aparece, então, como uma

<sup>14</sup> O termo *Illuminati* é usado para se referir a uma suposta organização conspiracional que controlaria os assuntos mundiais secretamente, com os objetivos primários de unir o mundo numa única regência que se baseia em um modelo político onde todos são iguais, estabelecendo assim a chamada Nova Ordem Mundial (Wikipedia. *Illuminati*. Disponível em < <http://pt.wikipedia.org/wiki/Illuminati> >. Acesso em 24 de abril de 2012).



espécie de alívio não concluído, mantendo assim, ainda que de forma tímida, o discurso que reverbera indícios de medo.

Assim, vale notar que há uma recusa à crença na realidade, expressada principalmente na negação da morte de bin Laden. Contudo, mais do que o medo de que Osama tenha realmente morrido, está mais implícito ainda o medo de que o terrorista não tenha sido morto. Há muitos argumentos que põem em cheque a veracidade da morte de Osama, fazendo com que a dúvida gere o medo. Muitos argumentos afirmam, por exemplo, que toda a operação e o que já aconteceu relacionado ao caso é uma trama pensada pelos Estado Unidos; outros enfatizam a existência de uma conspiração dos *Illuminati*.

Um argumento que acentua a dúvida na morte de bin Laden é a curiosa falta de imagens. A mídia assume importante papel na narração e nos processos de memória. Pela análise feita das comunidades, percebemos que os "consumidores" das notícias exigem o uso de imagens, caracterizando uma sociedade do "ver para crer". Desse modo, não utilizar imagens torna esse fato dubitável, fortalecendo os argumentos que tentam contradizer a morte do terrorista.

Assim, concluímos, por ora, que o estudo das redes sociais associadas à disseminação do medo deve observar certos elementos, dentre eles argumentos que tentam gerar dúvidas e questionamentos nos leitores. Tais argumentos e os usuários que os postam cumprem, acreditamos, o papel de propagadores da sensação de medo e insegurança. Portanto, vemos que o medo está introjetado nas redes sociais, embora sejam necessários estudos mais aprofundados sobre a influência dos meios de comunicação de massa na cultura do medo disseminada na internet, o que intencionamos desenvolver em próximas pesquisas.

## REFERÊNCIAS

ADORNO, Sérgio. Violência, ficção e realidade. In: SOUSA, Mauro Wilton (org.). **Sujeito, o lado oculto do receptor**. São Paulo: Brasiliense, 1995.

BAUMAN, Zygmunt. **Medo líquido**. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.

CASTELLS, Manuel. **A Sociedade em rede**. São Paulo: Paz e Terra, 2008.

DELUMEAU, Jean. **História do medo no Ocidente - 1300-1800, uma cidade sitiada**. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.



FREITAS, R.F.. **Narrativas da violência: um estudo de caso sobre a Barra da Tijuca**. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 28., 2005. Rio de Janeiro. Anais. São Paulo: Intercom, 2005. CD-ROM.

GERBNER, George. *Reclaiming our cultural mythology*, 1994. Disponível em: [www.context.org/ICLIB/IC38/Gerbner.htm](http://www.context.org/ICLIB/IC38/Gerbner.htm). Acesso em: 10 de maio de 2011.

GLASSNER, Barry. **Cultura do medo**. São Paulo: Francis, 2003.

LEAL, R.S. **A sociedade da prevenção e a cultura do medo**. IN: X Simpósio de Pesquisa em Comunicação da Região Sudeste - SIPEC, 2004. Rio de Janeiro, RJ.

MAGALHÃES, Nara. **Significados de violência em abordagens da mensagem televisiva**. In: Sociologias, ano 11, n. 21. Porto Alegre: 2009

MATHEUS, Letícia Cantarella. **Narrativas do medo**. O jornalismo de sensações além do sensacionalismo. Rio de Janeiro: Mauad X, 2011.

PENA, Felipe. **Teoria do jornalismo**. São Paulo: Contexto, 2008.

Portal G1. **11 de Setembro**. Disponível em: < [g1.globo.com/11-de-setembro](http://g1.globo.com/11-de-setembro) >. Acesso em 24 abr 2012.

SOUZA, Carlos Alberto de. **Telejornalismo e morte. A interdição do ver no noticiário televisivo**. Itajaí: Univali, 2008.

TRAQUINA, Nelson. **Teorias do jornalismo. A tribo jornalística - uma comunidade interpretativa transnacional**. Florianópolis: Insular, 2008.